

# **SOBRE GRAÇA, DIGNIDADE É BELEZA**

EM FRIEDRICH SCHILLER E HEINRICH VON KLEIST



# SOBRE GRAÇA, DIGNIDADE É BELEZA

EM FRIEDRICH SCHILLER E HEINRICH VON KLEIST

Carina Zanelato Silva



© Relicário Edições  
© Carina Zanelato Silva

CIP –Brasil Catalogação-na-Fonte | Sindicato Nacional dos Editores de Livro, RJ

S586s

Silva, Carina Zanelato  
Sobre graça, dignidade e beleza em Friedrich Schiller e Heinrich Von Kleist /  
Carina Zanelato Silva. – Belo Horizonte, MG : Relicário, 2018.

220 p. ; 14cm x 21cm.

Inclui bibliografia e índice.

ISBN: 978-85-66786-75-0

1. Literatura alemã. 2. Schiller, Friedrich. 3. Von Kleist, Heinrich. I. Título.  
2018-935

CDD 830

CDU 821.112.2

#### CONSELHO EDITORIAL

Eduardo Horta Nassif Veras (UFTM)

Ernani Chaves (UFPA)

Guilherme Paoliello (UFOP)

Gustavo Silveira Ribeiro (UFMG)

Luiz Rohden (UNISINOS)

Marco Aurélio Werle (USP)

Markus Schäffauer (Universität Hamburg)

Patrícia Lavelle (PUC-RIO)

Pedro Sússekind (UFF)

Ricardo Barbosa (UERJ)

Romero Freitas (UFOP)

Virginia Figueiredo (UFMG)

COORDENAÇÃO EDITORIAL Máira Nassif Passos

PROJETO GRÁFICO & DIAGRAMAÇÃO Ana C. Bahia

REVISÃO Lucas Morais

#### RELICÁRIO EDIÇÕES

Rua Machado, 155, casa 2, Colégio Batista | Belo Horizonte, MG, 31110-080

relicarioedicoes.com | contato@relicarioedicoes.com

## **INTRODUÇÃO 13**

### **CAPÍTULO 1**

#### ***KUNSTPERIODE:***

ANTECEDENTES LITERÁRIOS E FILOSÓFICOS DE FRIEDRICH SCHILLER E HEINRICH VON KLEIST 19

1.1 Breve panorama sobre o *Kunstperiode*. Os inícios: *Aufklärung* e *Sturm und Drang* 19

1.2 Classicismo de Weimar 27

1.3 Romantismo 32

### **CAPÍTULO 2**

#### **FRIEDRICH SCHILLER E O PROJETO DE EDUCAÇÃO ESTÉTICA DO HOMEM 41**

2.1 *Kallias* ou sobre a beleza e a busca de uma qualidade objetiva para o belo 44

2.2 A graça como expressão no fenômeno da harmonia entre sensibilidade e razão 58

2.3 O pensamento schilleriano e kantiano acerca da dignidade 79

2.3.1 A dignidade como expressão no fenômeno do domínio dos impulsos pela força moral 83

2.4 A Revolução Francesa e Schiller: caminhos para a educação estética do homem 88

2.5 A teoria do jogo 93

2.6 O teatro como instituição moral 101

2.7 *Die Jungfrau von Orleans*: a representação do ideal do homem clássico 112

### **CAPÍTULO 3**

#### **HEINRICH VON KLEIST E A BUSCA PELA GRAÇA 135**

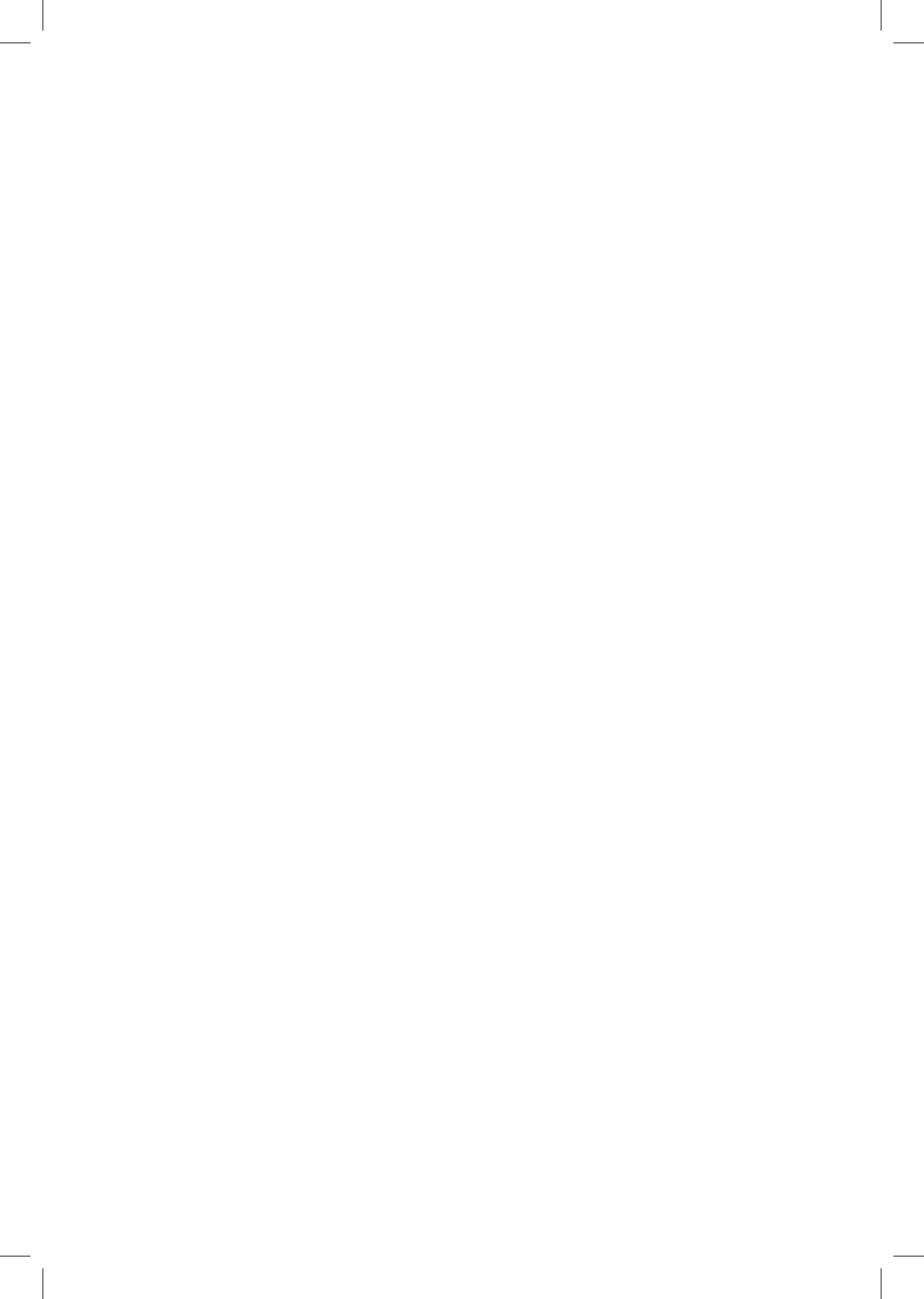
3.1 *Über das Marionettentheater*: o retorno clandestino ao paraíso perdido 151

3.2 A recriação do mito em *Penthesilea* 175

3.2.1 A representação da beleza e do grotesco em *Penthesilea* 183

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS 205**

## **REFERÊNCIAS 209**



*Àqueles que tornaram esse sonho possível:  
pai, mãe, Tom e André.*





# AGRADECIMENTOS

Aos meus pais, Mônica e Sebastião, e ao meu irmão, Ewerton, pelo apoio e incentivo incondicional.

Ao meu marido, André, pela presença e pelo incentivo constante, que me deram a força necessária para o desenvolvimento deste livro.

À minha orientadora, Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Karin Volobuef, pela confiança e apoio, e, acima de tudo, pela formação acadêmica que me proporcionou nestes anos de convivência.

A todos os meus amigos que participaram direta ou indiretamente desse período e que foram peças fundamentais para essa travessia.

Ao CNPq pelo financiamento desta pesquisa.

À ABRALIC pela criação de projetos que incentivam a pesquisa científica e a educação no Brasil, como o Prêmio Dirce Côrtes Riedel, que possibilitou a publicação deste trabalho.



*A liberdade que a natureza afirma mesmo nos grilhões da  
metrificação e da linguagem, a verdade e a vivacidade da imagem  
nos arrancam as seguintes palavras sobre uma tal apresentação  
(como a do Laocoonte): isto é terrivelmente belo.*

Friedrich Schiller (2003, p. 71)



# INTRODUÇÃO

Friedrich Schiller (1759-1805) e Heinrich von Kleist (1777-1811) foram contemporâneos e, de certa forma, dois dos principais expoentes do Classicismo de Weimar (1786-1805) e do Romantismo (1797-1830) alemão. Schiller, ademais, fez sua estreia literária e teatral no fluxo de uma corrente pré-romântica rebelde, o *Sturm und Drang*, que partia dos preceitos de “gênio original”, inspiração e luta pela emancipação das letras nacionais (frente ao modelo francês). Com o passar dos anos, Schiller assumiu uma postura sóbria diante dessa impetuosidade e passou a desenvolver obras literárias e filosóficas que visam o estabelecimento da harmonia e que buscam atingir a liberdade por meio da moralidade. Assim, Schiller alcança a maturação de suas ideias e passa a integrar o período literário denominado Classicismo de Weimar, voltando-se para a arte baseada nos valores estéticos da Antiguidade, na harmonia, na beleza e na perfeição.

Kleist, por sua vez, segundo Anatol Rosenfeld (1968, p. 63), é um daqueles gênios da literatura que não se encaixa em nenhuma corrente literária, embora faça “parte da época romântica, tanto no seu teor anti-clássico, de forte cunho patológico – segundo a expressão de Goethe – como nos elementos dionisíacos, ‘noturnos’ e na terrível dissonância que fragmenta o seu mundo”. Sem ser totalmente romântico, o autor se opõe aos cânones clássicos de equilíbrio, harmonia e perfeição, expandindo o melancolismo, as paixões violentas e o impulso dionisíaco a uma forte oposição ao racionalismo da filosofia de Kant. Sua dramaturgia, que, muitas vezes, busca inspiração na obra de Schiller, Goethe e Shakespeare, tende ao grotesco, desconstruindo

a meta apolínea dos clássicos e traçando como destino único do homem a desgraça. Em suas obras, a descrença na ordem universal é expressa em paixões patológicas que evidenciam a solidão em que vivem seus personagens.

Jaime Paviani (2009, p. 63), em seu texto “Traços filosóficos e literários nos textos”, nos diz que “Um filósofo pode empregar gêneros literários, como o romance o conto, o teatro, para expressar ideias filosóficas”. A permeação entre literatura e filosofia permitiu, em Friedrich Schiller e Heinrich von Kleist, a passagem de suas ideias filosóficas para o texto literário. Em fins do século XVIII e início do século XIX, Schiller e Kleist desenvolveram importantes estudos ao serem confrontados com a filosofia idealista de Kant. Schiller, com seu estilo clássico, trouxe à Alemanha uma nova visão sobre o papel da arte na educação do homem, e, dando continuidade à obra crítica de Lessing, estabeleceu novos parâmetros para o estudo da tragédia quanto à sua importância nesse projeto pedagógico; Kleist, extremamente perturbado pelas *Críticas* de Kant, abandonou o culto iluminista à razão para exaltar exacerbadamente os sentimentos provenientes do inconsciente, do instinto. Como disse John Gassner (1974, p. 392), Kleist é o “pai não reconhecido do drama moderno”, e personifica, segundo Hohoff (1977, p. 7), o escritor que caracteriza a transição da visão de mundo clássica para a modernidade, além de ter sido influência clara para o estilo seco de personagens desorientados de Franz Kafka (Brito, 2007, p. 37).

Nessa linha de permeação entre filosofia e literatura, este livro objetiva examinar as características das teorias de Friedrich Schiller e Heinrich von Kleist sobre a graça, a dignidade e a beleza, comparando-as, a fim de mostrar as divergências e as confluências destas duas concepções estéticas que foram desenvolvidas nos períodos clássico (com Schiller) e romântico (com Kleist). Aproveitando-nos também dos apontamentos feitos por Friedrich Schiller sobre a tragédia como instância que proporciona ao homem o entretenimento e a liberdade por meio de meios morais, utilizamos as obras *Penthesilea* e *Die Jungfrau von Orleans* como via de exemplificação prática de como

estes autores usaram o conceito de graça, beleza e dignidade para a construção da ação de suas heroínas, caracterizando-as de acordo com seus pressupostos estéticos.

Da análise dos dois autores e dos períodos literários em questão, surgiram algumas indagações sobre as quais procuramos refletir ao longo deste livro, dentre elas: como as teorias estéticas de Schiller e de Kleist refletem as tensões existentes entre Classicismo e Romantismo? Quais são as diferenças que se estabelecem, a partir dessas tensões, entre a ideia de forma em Schiller e em Kleist? Em que essas diferenças implicam na conceituação das teorias dos dois autores sobre graça, dignidade e beleza? Como essas diferenças se apresentam na configuração das heroínas das peças *Die Jungfrau von Orleans*, de Schiller, e *Penthesilea*, de Kleist? Em relação ao sublime, quais são as formas utilizadas pelos dois autores para suscitar esse sentimento no espectador/leitor?

A partir dessas questões, dividimos o livro em três capítulos. O primeiro deles parte do contraponto entre os períodos literários Classicismo de Weimar e Romantismo<sup>1</sup> na Alemanha, procurando traçar um breve panorama sobre o movimento literário denominado *Kunstperiode* (Período da Arte) e aprofundando as características dos dois períodos acima mencionados, dos quais fazem parte Schiller e Kleist.

No segundo capítulo abordamos como Schiller, em sua odisséia por uma fundamentação objetiva da beleza, empreendeu um projeto que, na tentativa de ultrapassar a teoria kantiana no estabelecimento da matéria estética como disciplina filosófica autônoma, foi além da inferência subjetiva do juízo do gosto de Kant e procurou encontrar a qualidade objetiva da beleza. Schiller (2002) acredita que em todo objeto belo deve haver algo de objetivo e universal que proporcione ao contemplador a beleza, algo que o remeta à liberdade e à vontade pura que estão presentes no suprassensível. A beleza, nesse espaço, é

---

1. Dentro do período considerado romântico na Alemanha, abordaremos principalmente o primeiro Romantismo (*Frühromantik*).

caracterizada como liberdade no fenômeno,<sup>2</sup> pois é uma representação do suprassensível presente no sensível, na natureza, que proporciona ao homem, na contemplação – por meio da forma desse objeto –, um reflexo da imagem do infinito. Assim, em seu ensaio *Über Anmut und Würde* (*Sobre graça e dignidade*, 1793), Schiller delinea dois tipos de beleza que são possíveis de serem encontradas no homem, de forma a descrever um processo de formação que se dá pela natureza (*beleza arquitetônica*) e pela liberdade (*graça*).

A delimitação do conceito de *Anmut* por Schiller vem de um processo que teve seu marco inicial com a obra de Winckelmann *Von der Grazie in Werken der Kunst* (*Acerca da graça nas obras de arte*, 1759), que, segundo Claudia Fischer (2010, p. 195), foi a primeira obra de um autor alemão que debateu de fato o conceito sob o viés de uma “sistematização estética”. Schiller, portanto, parte dessa tradição winckelmanniana que incorporou o conceito estético sobre a graça à crítica de arte. Desse modo, a graça, para Schiller, é despertada no homem quando a natureza passa a compartilhar com o espírito o domínio das forças que o movem, e, por meio do arbítrio, da liberdade de decisão, o espírito pode fazer uso dos instrumentos da natureza, que apenas pode cuidar da beleza que ela determinou no fenômeno (*beleza arquitetônica*). Como dela participam as categorias sensível (natureza) e formal (liberdade), a beleza proveniente da graça sustenta a possibilidade de liberdade moral do homem na medida em que garante a simultaneidade das duas leis que o regem. A progressão desse pensamento de Schiller culminou numa proposta de arte que se torna fonte de aprimoramento dos sentimentos humanos, como base para a formação do homem para a liberdade.

No terceiro capítulo mostramos que, em Kleist, a graça não resulta desse equilíbrio entre natureza e razão, e que, em Schiller, é obtido por meio educação estética do homem. Não há a superação do dualismo kantiano (dever e inclinação), e qualquer tentativa de

---

2. Schiller utiliza a conceituação kantiana sobre a ideia de *fenômeno* na *Crítica da Razão Pura*. *Fenômeno*, segundo Kant, é a representação que fazemos do mundo a partir da apreensão da experiência, e não da coisa-em-si.



se conciliar a razão com a natureza já está fadada ao fracasso. O *Über das Marionettentheater* (*Sobre o teatro de marionetes*, 1810) de Kleist mostra, a partir da alegoria religiosa da expulsão do homem do paraíso, que o homem perdeu sua inocência e precisa agora percorrer o mundo para alcançar a consciência total e poder chegar à porta dos fundos do paraíso, resgatando a graça que lhe promovia a plenitude. Diferentemente de Schiller, o percorrer o mundo aqui não significa um aprimoramento humano por meios educativos, mas sim uma entrega ao espírito que está muito próxima à entrega religiosa, que permita ao homem sentir e enxergar além das aparências deturpadoras do mundo.

Isso configurará uma concepção de arte que diverge em vários pontos da visão clássica de Schiller. Ao lado da beleza moral, da bela alma de Schiller, Kleist inserirá em suas obras o elemento grotesco, o que se torna evidente a partir da análise da obra *Penthesilea* (1808). Enquanto Johanna, heroína da peça de Schiller (*Die Jungfrau von Orleans*, 1801), nos precisa a figura ideal do homem clássico, e sua bela alma controla o ímpeto dos instintos e reconhece na conciliação dos impulsos sensível e racional a liberdade que só pode ser alcançada por meio do equilíbrio, Penthesilea suspende a consciência e encontra no inconsciente a força que a move. O sonambulismo que se apodera da heroína a faz perambular pelo real de forma impulsiva e intensa, confluindo a uma paixão monomaníaca, que a consome. Esse desprezo do consciente a faz praticar o ato horrendo de devorar o peito do famoso herói da Guerra de Tróia, Aquiles, como uma loba devora sua presa, numa descrição brilhante, com requintes de crueldade, que desperta no espectador um misto de sentimentos, que configuram o sentimento sublime diante da ação terrível. Enquanto Schiller nos apresenta uma heroína carregada de pureza imaculada, que busca a manutenção da harmonia, Penthesilea é, toda ela, impulso, e seus instintos são levados ao extremo, transformando sua paixão na mais grave patologia.

Dessa forma, as impetuosas heroínas são colocadas em cena para representar duas concepções de mundo que partilharam a mesma

época, os mesmos centros culturais e até as mesmas fontes, mas que propuseram ideais que se tangem e se afastam em igual proporção. Schiller e Kleist estabeleceram um interessante diálogo entre suas obras e concepções filosóficas sem que com isso mostrassem uma intenção evidente. Gênios do período de ouro da literatura alemã, os dois autores consagraram o Classicismo e o Romantismo precisamente ali onde intentavam arrolar no espaço artístico suas visões peculiares do mundo. Os estudos acerca da obra de Schiller e Kleist se fazem de grande importância na medida em que percebemos que hoje, em nosso país, os dois autores são pouco estudados e as duas peças a serem analisadas (*Penthesilea* e *Die Jungfrau von Orleans*) sequer possuem tradução para o português brasileiro, abrindo caminho para uma ampliação dos interesses acadêmicos sobre a obra desses dois grandes escritores do *Kunstperiode*.

Optamos por utilizar as traduções já publicadas das obras de Friedrich Schiller *Teoria da tragédia*<sup>3</sup>, *Sobre graça e dignidade*<sup>4</sup>, *A educação estética do homem*<sup>5</sup>, *Sobre poesia ingênua e sentimental*<sup>6</sup>, a série de cartas *Kallias ou sobre a beleza*<sup>7</sup> e os *Fragmentos das preleções sobre estética do semestre de inverno de 1792-93*<sup>8</sup>, coletados por Christian Friedrich Michaelis. De Heinrich von Kleist utilizamos as traduções das obras *Sobre o teatro de marionetes*<sup>9</sup> e *Penthesilea*<sup>10</sup>. As demais traduções feitas do inglês e do alemão, destes e de outros autores, quando não indicada a autoria, são de minha responsabilidade e virão citadas em notas de rodapé, enquanto o original será citado no corpo do texto.

---

3. Publicado pela E.P.U., com tradução de Anatol Rosenfeld, 1992.

4. Publicado pela editora Movimento, com tradução de Ana Resende, 2008.

5. Publicado pela editora Iluminuras, com tradução de Roberto Schwarz e Márcio Suzuki, 1990.

6. Publicado pela editora Imprensa Nacional-Casa da Moeda, com tradução de Teresa Rodrigues Cadete, 2003.

7. Publicado pela editora Jorge Zahar, com tradução de Ricardo Barbosa, 2002.

8. Publicado pela editora UFMG, com tradução de Ricardo Barbosa, 2004.

9. Publicado pela editora Acto – Instituto de Arte Dramática, com tradução de José Filipe Pereira, 1998.

10. Publicado pela editora Porto, com tradução de Rafael Gomes Filipe, 2003.